

Impactos Ambientais na Capital Tocantinense

Isadora Reis da Rocha

Morar em Palmas é conviver com um calor que parece se intensificar a cada ano. Antes, as altas temperaturas faziam parte da identidade da cidade, mas agora vêm acompanhadas de um desconforto maior, uma sensação de que algo está mudando de forma preocupante. Quando a chuva finalmente chega, não vem como alívio, mas como um desafio, forte demais, rápido demais, trazendo alagamentos e desordem.

Vejo isso no dia a dia. Caminhar pelas ruas é sentir a falta de sombra, notar como o asfalto retém o calor e faz o clima parecer ainda mais seco. Os rios que antes eram fontes de vida agora enfrentam degradação, e a vegetação desaparece sem que muitos percebam sua importância para o equilíbrio ambiental. Isso não é apenas uma questão ecológica—é uma questão de qualidade de vida. Nosso bem-estar, nossa saúde, nossa segurança hídrica estão em jogo.

Felizmente, vejo algumas iniciativas que trazem esperança. O plantio de árvores é uma das principais formas de amenizar essa realidade, tornando o ambiente mais agradável. Mas precisamos de mais. Cidades verdes não são um luxo, são uma necessidade. Palmas tem espaço e potencial para crescer de forma sustentável, mas isso requer planejamento e compromisso.

Outro ponto fundamental é a educação ambiental. Percebo que quando as pessoas entendem o impacto de suas ações, elas passam a ter um cuidado maior com o meio ambiente. Projetos que envolvem comunidades e escolas são essenciais para criar uma nova mentalidade, especialmente quando colocam os jovens como protagonistas. São eles que mais sentirão os efeitos das mudanças climáticas, e engajá-los na busca por soluções é garantir que o futuro seja diferente do que se desenha hoje.

Além disso, Palmas precisa pensar suas políticas ambientais de maneira ampla. Como parte da Amazônia Legal, o Tocantins deve levar em consideração os dois biomas que o atravessam—o Cerrado e a Amazônia—e propor soluções que atendam à preservação de ambos. Se quisermos garantir um futuro sustentável, não podemos olhar para a cidade como um sistema isolado, mas como parte de um ecossistema maior, que exige equilíbrio e respeito.

Também vejo espaço para mudanças no cotidiano. Pequenos gestos, como reutilizar água, consumir de forma mais consciente e evitar desperdícios, fazem diferença. Se cada pessoa se envolve um pouco, o impacto coletivo se torna significativo. Além disso, o poder público precisa investir em infraestrutura sustentável—com transporte público eficiente, planejamento urbano que favoreça áreas verdes, incentivo à energia solar e políticas de proteção aos recursos hídricos.

A crise climática não é uma previsão distante, algo que pode ou não acontecer. Ela está aqui, moldando nossa cidade, nossos hábitos, nossa rotina. Mas Palmas tem tudo para ser um exemplo de transformação. A solução não está apenas em grandes projetos—ela começa na forma como enxergamos a natureza ao nosso redor. O que queremos para nossa cidade? Como podemos melhorar esse cenário? São perguntas que precisam ser feitas por todos nós.

